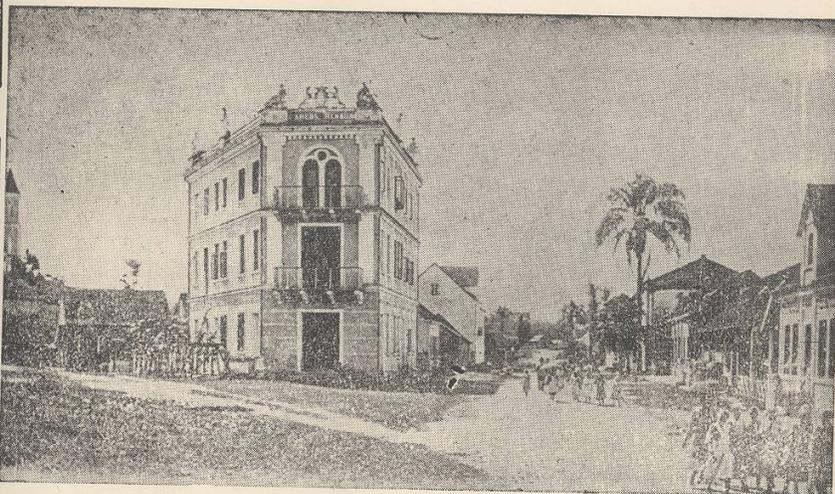




NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO II

No. 5

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82 723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Assinatura Anual: Cr\$ 20,00

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

ANO II

Janeiro, Fevereiro e Março de 1978

Nº. 5

Sumário

	Página
ESTUDOS —	
— Décio Freitas — O alemão no Sul do Brasil, um estudo científico (Recensão ao livro de Giralda Seyferth, publicada no Jornal do Brasil	2
— Pe. José Artulino Besen: O quarto vigário da Freguesia de Brusque, Pe. Antônio Eising (1847-1921).	6
— Ayres Gevaerd — Subsídios genealógicos de famílias oriundas de Oldenburg — Alemanha....	10
DOCUMENTOS — Documentos da Administração do Barão Maximiliano de Schneéburg — Março de 1862	12
— Notícias de CHEB — Tchecoslováquia..	22
— Autobiografia do Pastor Johann A. H. Sandreczki	24

Capa — Conceção e gentileza de W. L. Rau.

Clichê — Centro da Vila de Brusque em 1.900, Praça Barão de Schneéburg.

O alemão no Sul do Brasil, um estudo científico

DÉCIO FREITAS

A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim, de Giralda Seyferth Movimento, Porto Alegre, 1974, capa de Mario Hohmelt, 159 páginas.

GIRALDA SEYFERTH

(Curriculum Vitae)

- 1) Bacharel em História e Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC).
- 2) Mestre em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (Programa de pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional).
- 3) Diretora em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP). (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).
- 4) Professora Assistente de Antropologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (UFRJ).

•
Tese de Doutorado: "Nacionalismo e Identidade Ética. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa Comunidade do Vale do Itajaí". Próxima edição da Sociedade Amigos de Brusque.

A região catarinense correspondente ao vale médio do rio Itajaí-Mirim se caracteriza hoje por uma industrialização e uma urbanização que permitem qualificá-la como economicamente desenvolvida. A indústria domina a produção econômica e mesmo na área rural a população se constitui na maior parte de colonos-operários. Trata-se de uma estrutura econômica e social bem diversa da que prevaleceu nos primórdios da colonização quando as características essenciais eram o povoamento rural e a produção camponesa baseada no trabalho familiar em pequenas propriedades.

A reconstituição do processo econômico dessa transformação é a tarefa que se propõe Giralda Seyferth, numa primorosa monografia baseada em pesquisas de arquivo e de campo.

De início, a Autora aprecia a situação da Alemanha na segunda metade do século passado, de onde proveio a maioria dos colonizadores do vale, para concluir que eram de extração principalmente camponesa e secundariamente artesanal. Segundo apurou em entrevistas com descendentes de imigrantes as razões mais importantes que induziram os antepassados a deixarem a terra natal foram a escassez de terras, a fragmentação de propriedades, o excesso de trabalho das indústrias e os baixos salários dos trabalhadores rurais ou urbanos. Contribuíram paralelamente fatores extra-econômicos, como as guerras, as revoluções e as perseguições políticas. Seria o caso de dizer-se, em síntese, que a grande emigração do século XIX teve por causa fundamental a incapacidade da atrasada economia alemã para absorver uma crescente população. Nessas condições, a emigração apresentou-se como um meio de exportar excedentes demográficos que ameaçavam perigosamente a estabilidade das estruturas tradicionais. A descompressão social produzida por esse sangradouro demográfico teve como resultado frustrar as expectativas de Marx numa revolução aparentemente inevitável.

Instalados em lotes cuja área era em média de 25 hectares, os imigrantes criaram uma sociedade rural e uma economia baseada em unidades familiares mais ou menos auto-suficientes de produção e consumo. Esse sistema econômico-social resultou em grande parte, segundo a Autora do isolamento inicial da área, colonial, do tipo de povoamento, do regime de pequena propriedade e da tradição do campesinato alemão do século XIX.

Uma vez, contudo, que a auto-suficiência não era total, o colono tinha de colocar parte da sua produção no mercado. A comercialização dos excedentes se processava por intermédio dos vendeiros, isso é, proprietários de lojas ou casas comerciais estrategicamente situadas na região colonial. A importância do papel exercido pelos vendeiros foi crucial. Em páginas que figuram entre os pontos altos do livro, Giralda Seyferth põe à mostra o processo pelo qual os vendeiros exerciam pleno domínio sobre a produção econômica dos colonos. Controlavam o comércio e o transporte, impunham os preços do que vendiam ou compravam e, finalmente, guardavam o dinheiro dos colonos. O lucro proporcionado por esse mecanismo era utilizado pelos vendeiros na ampliação dos seus negócios, construindo engenhos e serrarias, melhorando os transportes, acumulando estoques e financiando os colonos mediante empréstimos a juros altos. Em conclusão, o vendeiro "conseguiu ficar com a maior parte dos lucros proporcionados pela produção de uma parte dos colonos". E, assim, pode acumular o capital que depois lhe possibilitou implantar a indústria, principalmente a têxtil de Brusque.

Para Giralda Seyferth a industrialização do vale do Itajaí-Mirim saiu da venda e não, como querem alguns Autores, do artesanato. A tese é original, pois sempre se atribuiu às burguesias comerciais um papel historicamente parasitário e conservador. Seyferth assinala que

Jean Roche chegou à mesma conclusão no que concerne ao Rio Grande do Sul; contudo, cabe observar que o Autor francês é menos categórico, admitindo uma certa participação do artesanato no processo de industrialização (A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, vol. II, capítulo VII). Sustenta a Autora que o artesão não tinha meios de acumular capitais e que a implantação da indústria têxtil em Brusque nada teve a ver com o artesanato.

O papel deste não teria senão o de fornecer mão-de-obra. Ilustra a tese com a história da mais antiga e importante indústria têxtil de Brusque. A industrialização teria sido determinada pela existência de capital local oriundo do comércio; pela potencialidade de um mercado consumidor na região, pela presença de alguns artifices especializados na fabricação de tecidos e pela existência de mão-de-obra aproveitável entre os agricultores: O vendeiro industrial pôde enfrentar a concorrência dos tecidos estrangeiros mais baratos graças ao expediente de oferecer seu produto diretamente aos colonos, que não tinham noção dos verdadeiros preços.

Sublinha a Autora as profundas mudanças que a industrialização introduziu na estrutura sócio-econômica da região. O sistema produtivo baseado na pequena propriedade familiar entrou em decomposição e os camponeses se viram submetidos a um acentuado processo de proletarização. Passando os membros da família camponesa a trabalhar na fábrica, declinou a produção agrícola dos lotes.

Apesar disso, não desapareceram totalmente as características camponesas do sistema, pois as indústrias, quer por motivos técnicos, quer pelo empenho de aproveitar a mão-de-obra, disseminaram-se por toda a área colonial. Como resultado disso, coexistiu com a categoria tradicional do camponês uma nova categoria social, a do colono-operário, que trabalhava parte do dia na lavoura em sua pequena propriedade e outra parte na fábrica. O aparecimento do colono-operário não fez desaparecer o camponês pois este continuou a manter a sua pequena propriedade. Mas a função econômica desta já não foi mais a mesma e isso devido a uma complexa interação dialética de múltiplos fatores. A carência de terras e o direito sucessório brasileiro pulverizaram a pequena propriedade. A indústria absorveu boa parte do tempo que o camponês tradicionalmente dedicava à lavoura. Ao mesmo tempo, não dispondo de tempo integral para trabalhar na terra, o camponês já não necessitava de tanta terra. Em face disso, as partilhas antes tão evitadas — no Rio Grande do Sul os colonos atenuaram o processo do munifúndio, estimulado pela sucessão causa mortis, mediante o expediente de alguns herdeiros desistirem de seus quinhões nos inventários — converteram-se em rotina, aplicando-se integralmente o direito sucessório brasileiro. Apesar disso, se bem que reduzida, a pequena propriedade agrícola continuou a revestir importância como meio de subsistência para o colono. E isso porque o colono-operário não se mudava para perto da indústria. Permane-

cia na sua propriedade e se deslocava diariamente até o local de trabalho.

Nesta fase, os camponeses-operários predominavam na indústria sobre os simples operários. A relação se inverteu na última fase do desenvolvimento industrial, iniciada com a Segunda Guerra Mundial. O antigo sistema econômico praticamente desapareceu e a proletarização do camponês se tornou quase completa. Nas palavras da Autora:

“O grande aumento do número de empregados nas fábricas fez com que diminuísse o número de camponeses-operários em relação aos operários.

Mas nem o colono-operário deixa de existir e nem tampouco o pequeno proprietário agrícola é desligado do trabalho industrial. Entretanto, o aspecto do campo se modifica em função dos tipos de cultivo voltados a finalidades industriais, por causa das pequenas indústrias de transformação de produtos agrícolas que se multiplicam na área. Do campesinato tradicional na área correspondente ao médio vale do Itajaí-Mirim só ficou mesmo o regime de pequena propriedade trabalhada pela família e a divisão do trabalho com base na composição familiar. Mesmo na área rural vamos encontrar entre as propriedades puramente agrícolas operários e colonos-operários que se deslocam diariamente até as fábricas’.

O estudo de Giralda Seyferth impõe que se reconheça o papel altamente progressista desempenhado pela burguesia comercial do vale médio do Itajaí-Mirim. Seria igualmente interessante acentuar que o isolamento espacial e cultural em que viveram as primeiras comunidades de imigrantes alemães não significou um isolamento econômico. Muito pelo contrário tanto em Santa Catarina como no Rio Grande do Sul, essas comunidades se entroncaram desde o início numa pré-existente economia de mercado que absorvia os seus excedentes. Não fora isso, tais comunidades se teriam visto condenadas à estagnação. Mais ainda, o preexistente mercado consumidor provinha do fato de que as sociedades do Sul brasileiro se caracterizavam pelo predomínio de relações sociais de produção não escravistas. E, por fim, cumpre não esquecer que a industrialização foi possível graças ao protecionismo aduaneiro estabelecido pela República. Será pura coincidência que a industrialização somente tenha tido início depois da República?

O livro de Giralda Seyferth representa a melhor contribuição científica já prestada ao estudo da colonização germânica no Sul do Brasil. De uma maneira geral, consegue galhardamente evitar o empirismo quase inerente às monografias. E não é um dos seus menores méritos a coragem desmistificadora com que aborda certos aspectos do tema.

(Transcrito do “Jornal do Brasil”, Rio de Janeiro — 18.1.1975)

O 4º VIGÁRIO DA FREGUESIA DE BRUSQUE

PADRE ANTÔNIO EISING (1857-1921)

Pe. José Artulino Besen



Aos menos iniciados na história da comunidade brusquense pouco dirá este nome, ou, quem sabe, apenas soará como um vigário a mais, entre os muitos que passaram pela Comunidade Católica.

Mas, certamente, Pe. Antônio Eising representa um papel de destaque na história do berço da fiação catarinense: sua atividade apostólica impregnada de zelo e até de intransigência, a regulamentação das propriedades paroquiais, a construção de igrejas, como a de Guabiruba do Norte e o antigo Santuário de Azambuja, a fundação da Santa Casa de Misericórdia de Nossa Senhora de Azambuja, atual Hospital Arquidiocesano "Cônsul Carlos Renaux", da Escola

Paroquial, já lhe dariam um lugar de procedência da galeria dos grandes vultos de nossa comunidade.

Quem foi, em poucas linhas, o Pe. Antônio Eising?

—*•*—

A 16 de janeiro de 1847, nascia, em Bocholt, Vestfália, João Antônio Eising, filho do padeiro João Eising. Segundo o costume da época, foi batizado no dia seguinte. Terminados a Escola Primária e o Ginásio, matriculou-se na Universidade de Münster, capital da Vestfália, onde concluiu os estudos filosóficos e teológicos.

Dom João Bernardo Brünckmann ordenou-o sacerdote a 30 de novembro de 1871, com apenas 24 anos de idade.

No dia 2 de abril de 1872 foi nomeado capelão dum distrito da Paróquia de Recklinghausen e reitor de um Colégio anexo à Capela. Por 12 anos dedicou-se com zelo à cura d'almas e ao ensino.

A 10 de dezembro de 1884 é transferido para Münster, onde foi, sucessivamente, 2º e 1º Capelão da Paróquia de São Maurício.

É neste período que cresce nele o interesse pela atividade sacerdotal entre os colonos católicos de origem germânica, no Sul do Brasil, emigrado da Vestfália entre 1861-1863.

O piedoso e zeloso Pe. Guilherme Roer, também ordenado na Diocese de Münster, era o ativo pastor da zona colonial de Teresópolis, Vargem Grande, São Pedro de Alcântara, desde 1860. Segundo seu conselho, um numeroso grupo destes colonos mudou-se para Braço do Norte, na Paróquia de Tubarão, para ocupar a terra fértil daquela região. O Governo Imperial tinha-lhes confiado a ingrata e acidentada terra de São Pedro e redondezas onde pouco tinham a plantar e pouca defesa lhes era oferecida frente as dificuldades da região. Pe. Roer percebeu que o vale o Tubarão era mais fértil e favorável. Ali criaram-se três núcleos com capelas e escolas, e o Pe. Roer ia de Teresópolis algumas vezes por ano, a fim de prestar seu serviço sacerdotal.

O excessivo trabalho, as enormes distâncias, a inclemência do tempo e a idade consumiram as forças do intrépido sacerdote e, doente, impossibilitado de levantar-se, fixa residência na casa da família Hobold, em Braço do Norte.

Nestas condições, mandou uma carta ao Bispado de Münster, pedindo um sacerdote. Começou a missiva com estas palavras: "Miseremini mei, miseremini mei..." Encontrou eco: no dia 21 de maio de 1889, Kirchliches Amptblatt publicou-se a carta, com o resultado de o Pe. Francisco Topp seguir logo para Santa Catarina. Não encontrou mais o Pe. Roer: internado no Hospital de São Francisco, Porto Alegre, ali morreu em 8 de outubro de 1891. Os antigos paroquianos ergueram-lhe, no cemitério, um monumento com os dizeres: "Morreu pelo bem espiritual de seus paroquianos".

O novo missionário, Pe. Francisco Topp, percebeu logo que o território confiado ao Pe. Guilherme Roer era vasto demais. Por sua vez, dirigiu uma carta ao Bispo Diocesano de Münster, reclamando mais um sacerdote. Dom Germano Dingelstadt publicou seu pedido a 14 de novembro de 1890, solicitando que os interessados se apresentassem.

O Pe. João Antônio Eising e seu colega, Pe. Francisco Auling, anuíram logo e a 22 de novembro foram dispensados para o novo trabalho missionário entre os colonos católicos de Santa Catarina.

Pe. Auling foi logo para Curitiba e Pe. Eising fixou residência em Vargem do Cedro, tendo ainda a seu cuidado a população de Capivari. Conseguiu que os Franciscanos de Teresópolis assumissem esta última, pois tencionava mudar-se para a Vila de Brusque, a fim de prestar assistência religiosa aos alemães católicos da região.

—*•*—

A 18 de agosto de 1892 o Bispo do Rio de Janeiro (de quem dependiam as Paróquias do Estado de Santa Catarina), o nomeia Vigário das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro. Substituiu o zeloso, mas

intempestivo, Pe. João Fritzen. Havia 14 capelas na Colônia, e distantes umas das outras.

Logo no início, devido à separação entre a Igreja e o Estado, procurou legalizar a propriedade paroquial: pagou, na Coletoria da então Vila Brusque, a quantia de 69.139 réis por uma área de terrenos com 92.956 m². O documento foi firmado a 14 de novembro de 1893, assinando-o, como representantes da Comunidade Católica, os Srs. Nicolau Gracher e Adriano Schaeffer.

No mesmo ano de 1893 inicia a construção da nova igreja de Guabiruba do Norte, demolida em 1923, por sua vez substituída pela atual: a antiga ameaçava ruir, sendo indigna para o culto.

Em 1894, apenas sete anos após a construção da primeira ermida, pelos colonos, inicia a construção de uma nova igreja em Azambuja, que depois, até 1939, foi o Santuário de Azambuja. Sua visão pastoral descobriu logo que Azambuja estava reservada a ocupar um lugar de relevo na devoção à Mãe de Deus; suas festas de maio já atraíam peregrinos de distantes regiões do Estado. Muitos que anteriormente iam a Iguape, agora detinham-se no pobre Vale de Azambuja, aqui depositando seu agradecimento por favores alcançados.

Acontecimento importante foi a Primeira Visita Pastoral do Sr. Bispo Diocesano. Em 1892 Curitiba fora erigida em Diocese. Seu primeiro Bispo, Dom José Camargo Barros, foi sagrado em Roma a 24 de junho de 1894, tomando posse a 30 de setembro do mesmo ano. Sua Diocese abrangia os territórios do Paraná e Santa Catarina. Resolve logo visitar sua novel Diocese. Brusque preparou-se o máximo para a primeira recepção a um príncipe da Igreja. A 26 de agosto de 1895 uma caravana de cavaleiros foi recepcioná-lo em Nova Trento. Fez o trajeto até Brusque a cavalo, numa viagem de cinco horas! Aqui chegou às 15,00 horas, sendo recebido com aplausos, foguetes e discursos. Durou dois dias e meio sua Visita Pastoral, durante a qual crismou 750 pessoas, além de assistir a inúmeros casamentos.

A 8 de outubro de 1899 dirige uma carta ao Sr. Bispo Diocesano, pedindo licença para comprar o lote n.º 4 da linha Azambuja, uma área de 18.416 braças quadradas, pertencentes ao Sr. Jacob Knihs. Jacob Knihs fazia duas ofertas: toda a Colônia n.º 4, com as casas do proprietário, por seis contos: só... sem o terreno, sem as casas, dos contos. Pe. Eising prefere comprar tudo, pois as casas serviriam para principiar logo uma Casa de Caridade. A 27 de outubro do mesmo ano recebe a licença da autoridade diocesana.

Mas a compra não se realiza logo. Pe. Eising compra, antes, para a Paróquia de Brusque, o lote n.º 16 da linha Azambuja pertencente a Pietro Colzani: 30.543 braças quadradas por um conto e duzentos mil réis. Dois anos mais tarde, a 3 de julho de 1902, dá-se a compra do lote n.º 4, com as duas casas nele situadas. Diferentemen-

te do outro lote, este tem como adquirente jurídico o Santuário de Azambuja.

Para resolver o problema do lote n.º 16, adquirido pela Paróquia, a 7 de agosto de 1902 o Pe. Eising o vende ao Santuário de Azambuja, representado pelo Pe. José Sundrup. Constituiu-se, assim, o "Patrimonium beatae Mariae Virginis de Caravaggio".

Falamos no Pe. Sundrup: a 26 de novembro de 1901 este sacerdote recebia a provisão de coadjutor das Paróquias de Brusque, São Sebastião da Foz do Tijucas, São João e Porto Belo.

Pe. Eising acalentava um plano com relação a Azambuja: vendo o movimento espiritual nela existente resolveu reservá-la para ser um centro de piedade e caridade. Centro de piedade já o era. E centro de caridade passa a ser a 29 de junho de 1902, quando dá início à Santa Casa de Misericórdia Nossa Senhora de Azambuja, abrigando uma Escola Paroquial, um Hospital, um Asilo de Velhos e outro de Órfãos e um Hospício para débeis mentais. Uma grande obra, iniciada do nada, mas brotada da fé e da caridade cristãs.

Em 1903 vemos surgir outra obra do incansável pastor: a Escola Paroquial de Brusque, que depois deu origem ao colégio Santo Antônio, hoje extinto, mas que tanto bem fez à juventude brusquense.

Pe. Antônio Eising também se salientava pelo zelo pastoral. Admoestava, mesmo na rua, aos fiéis em falta com a desobriga pascal. Amargurava-se profundamente com os casamentos mistos.

Fato indicativo é o processo movido contra ele em maio de 1902. Edgar von Büttner acusa-o de ter retirado convites para um teatro, afixados na barca de transportes que levava a Itajaí. Venceu no tribunal, sendo defendido pelo Sr. Carlos Kraemer, que doou a remuneração recebida como advogado para as obras da Santa Casa. A guerra velada entre ele e o Sr. Edgar von Büttner deverá ter começado, pelo que se pode deduzir em algumas crônicas, pelo fato de terem sido promovidos espetáculos teatrais no Advento, contra isso insurgindo-se os Pes. Eising e Sundrup, sendo por isso acusados de intransigentes e reacionários.

Certamente que os tempos não eram tão fáceis de serem enfrentados, e brigas religiosas, misturadas com política, não eram fáceis de encontrar o ponto de equilíbrio.

Em 1904 Pe. Eising retira-se da Paróquia. Tencionava vestir o hábito de São Francisco. A 24 de outubro ingressa no Convento Franciscano de Rodeio onde, a 12 de fevereiro do ano seguinte, recebe o hábito Franciscano, com o nome de Frei Capistrano Eising OFM. A 13 de fevereiro de 1906 emite os primeiros votos e três anos depois faz sua profissão solene.

Trabalhou em Petrópolis, em Curitiba (atendendo aos fiéis de

língua alemã) e novamente em Rodeio, como auxiliar do Mestre de Noviços.

Idade e doença obrigaram-no, em agosto de 1921, a mudar-se para o Convento de Santo Antônio, em Blumenau.

Falece no Hospital Santa Isabel, nesta cidade, com quase 50 anos de sacerdócio e 74 de idade: era o dia 19 de setembro de 1921.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — SUNDRUP, Pe. José: "Chronik der Santa Casa de Misericórdia in Azambuja". Manuscrito.
- 2 — KOCH, Pe. Eloy Dorvalino: Catolicismo Centenário de Brusque. SAB, 1950. Inédito. P. 7-10.
- 3 — BESEN, José Artulino: Azambuja, 100 anos. Brusque, 1977. P. 60-70.
- 4 — PEREIRA, Pe. Ney Brasil: História do Santuário de Azambuja. Brusque, 1952.
- 5 — Livro de Tombo da Paróquia de Brusque, 1.
- 6 — Jornal O REBATE, 1953, nº. 920.
- 7 — SCHOETTE Frei Estanislau: Carta a Ayres Gevaerd, no Arquivo da SAB, relatando pesquisas, de 13 de abril de 1956.
- 8 — PEREIRA, Pe. Ney Brasil: "Tópicos de uma Carta", in O MUNICÍPIO, 3 de junho de 1961, nº. 312.
- 9 — PEREIRA, Pe. Ney Brasil: "Padre Eising, o Iniciador", in O MUNICÍPIO, 20 de maio de 1961, nº. 310.

SUBSÍDIOS GENEALÓGICOS DE FAMÍLIAS ORIUNDAS DE OLDENBURG (ALEMANHA, ENTRADAS NA COLÔNIA ITAJAÍ — BRUSQUE EM 1861.

Ayres Gevaerd

A publicação de apontamentos genealógicos de famílias pioneiras no Vale do Itajaí, que Jean Rui vem realizando periodicamente na revista "Blumenau em Cadernos", deu motivo para fazer o mesmo com relação a Brusque.

Não existem dificuldades. A Sociedade Amigos de Brusque possui as relações de todos os colonos que aqui chegaram a partir de 1860: nomes, procedência, idade, religião estado civil, etc. Os registros das Igrejas Católica e Evangélica, iniciados pelo padre Gattone e pastor H. Sandreczki, respectivamente, são outras tantas fontes de consulta.

Início os subsídios com algumas famílias originárias de Oldenburg (Alemanha), entradas em 1861, por razão de ordem sentimental:

Karl Krieger foi meu bisavô, Emília e Guilherme Müller, meus avós e minha mãe é Carolina Rosa.

—*•*—

1) KARL Krieger — casou com CAROLINE Krummenauer.
FILHOS — Emilie Wilhelm Phillip, Karl Jacob, Laura, Juliane e Rudolph.

EMILIE casou em primeiras núpcias com Frederick W. Tech.

FILHOS: Emilie, Mathilde, Pauline e Caroline.

FILHOS do segundo matrimônio com WILHELM Müller: Jacob W. Richard e Ernestine Gertrud, gêmeos; Caroline Ana, Wilhelm A. Otto, Karl F. Emil e Carolina Rosa .

WILHELM PHILLIP casou com Gertrudes Kuchenbercker e em segundas núpcias com Henriete E. Kuchenbecker.

JULIANE casou com August Galm.

LAURA casou com August Ristow.

RUDOLPH faleceu com poucos anos de idade.

—*•*—

2) JACOB Krieger — casou com LOUISE Schmidt.

FILHOS: LUDWIG — casou com Frederika Müller.

JACOB — casou com Luize Konrad.

LUIZE — casou com Johan L. Meier.

CAROLINE — faleceu com 13 anos.

WILHELM KARL .

—*•*—

3) WILHELM Krieger — casou com CATARINA Reichard.

FILHOS: WILHELM — casou com Caroline Jungblut.

GUSTAV — casou com Joana F. Kreitlov.

EDUARD — casou com Bertha F. M. ?

HELENE — faleceu com 12 anos .

FERDINAND — faleceu com 4 anos.

JOHAN K. Frederick.

MARIA.

—*•*—

4) JOHAN PHILIPP Krieger — casou com CATARINA Schmidt
Catarina chegou à Colônia em 1863 com seus filhos Charlote e H. Philipp.

Filhos: Charlote — casou com Hermann W. T. Willerding.

H. Philipp

PHILIPP

AUGUST

WILHELM

MARIA LUIZA — Faleceu com 1 dia de idade.

ANA GERTRUD — faleceu com 27 dias de idade.

RUDOLF .

—*•*—

5) WILHELM Jungblut — casou com Elizabeth Maurer

Filhos: CAROLINE — casou com Wilhelm Krieger
CHARLOTTE — casou com Adolf Bruns
6) JOHANN Jacob Willrich — casou com MARIA Caroline Jo-
chen

FILHOS: CAROLINE — casou com Karl H. C. Appel
Johann Jacob Junior — casou com Sophia Sprengel
PHILIPP — casou com Emilie D. Müller
Luise — casou com Luis Fanka
Heinrich Gustav
Ludwig

Documentos da administração Maximiliano de Schneéburg de março de 1862

A transcrição dos documentos que se seguem, todos do mês de março de 1862 e que relatam, em detalhes, o roubo verificado na casa da Directoria, obedece ao plano previamente feito de se dar publicidade novamente, em ordem cronológica, a toda a coletânea existente na Casa de Brusque .

No interessante e original relato de nosso primeiro Diretor, observa-se, claramente, seu estado emocional, vivendo horas de incertezas e apreensões.

(Ortografia original rigorosamente observada).

Directoria da Colonia Brusque em 5 de março de 1862.

Exm^o. e Rev^o. Snr.

Participo respeitosamente à V^a. Ex^a. que hontem entre as 8 e 10 horas da noite, durante o tempo que fui cear em casa do Dr. Eberhard aonde estou em pensão, e a pezar de ter deixado presentes como todas as noites, uma pequena guarda de 3 soldados do destacamento nas portas fechadas do meu pequeno rancho de taboas que me serve de domicilio e Repartição da Directoria, com tudo forão roubados Rs. 9:000\$000 (nove Contos de reis) do dinheiro do Estado, guardado em um caixão pregado e lacrado, pelo meio de um forçado arrombamento por instrumento de ferro, no repartimento da eserevaninha, segurado por fechadura de 2 voltas, no qual guardei esse caixão, e mais 2:615\$000 tãobem do Estado, soltos em notas de 2\$000 destinadas para um pagamento para o dia seguinte, que o ladrão deixou intactos, como no Corpo do Delicto, que immediatamente se procedeo foi reconhecido, levando só o Caixão com 9 Contos. O digno Delegado da Policia da Villa d'Itajahy e Seu termo, que por fortuna se achou presente na Colonia empregou com toda energia, commigo e com os empregados da Directoria e mais alguns moradores na Sede da Colonia, toda a noite, todos os meios para impedirmos a sahida do Roubo da Colonia para fora. As indagações, pesquisas, o interrogato-

rio ex Officio de hoje, as buscas immediatamente hontem de noite feitas nos Ranchos, vendas e casas dos particulares que de boa mente consentirão, nada dêrão por ora para indicar a pessoa do ladrão. O que parece porem fora de duvida é que o Soldado de Sentinella (já conhecido ter roubado anteriormente na Colonia seu proprio Sargento Jacintho de Mello) deve ter sido conivente, e talvez todos 3 Soldados desta guarda especial, que amanhã remetterei ao Snr. Major Commandante do Deposito, juntamente com fé e Copia das perguntas e respostas que depuzerão no Interrogatorio feito pelo Snr. Juiz Delegado da Policia.

Hoje porem por summa felicidade, sendo mandados muitos Colonos para batter todo o matto em descubrimento do Roubo, foi o Proprietario da casa de Pasto e negocio da Sede da Colonia o Snr. Philippe Krieger no seu quintal limitado por uma estreita lagoa, e atravessando a sobre uma pinguela, para ver a sua pequena plantação de milho, déo com um caixão semi submergido na lagoa, foi immediatamente dar parte ao Snr. Delegado, e verificou-se ser o do denheiro do Estado roubado, o qual recolhido pelo Snr. Delegado e mandado despregar e abrir a vista de muitos testemunhos continha exactos e intactos todos os nove Contos de Reis em massos de 1 Conto cada um de notas novas de 2\$000 como as recebi da Thezouraria, porem muito molhados que se está secando e passando a férro. Eu tinha prometido uma gratificação de Rs 100\$000 à quem descubrisse ou achasse o roubo. É quanto com pressa tenho de levar ao conhecimento de V^a. Ex^a., pedindo Ordens especiais ou instrucções sobre o como devo proceder neste fato visto que o Snr. Delegado pretende partir amanhã, e tendo eu só um Inspector do Quarteirão, à quem a Lei poucas forças dá para proceder em um caso tanto melindroso e de tanta importancia urgente.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta

Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catarina

O Director da Colonia Brusque

ass.: Barão de Schneéburg.

—*•*—

Cópia do Interrogatório feito ao Soldado Luiz Jacintho da Rosa, que hontem a noite se achava de Guarda na Caza da Directoria dessa Colonia em 5 de Março de 1862.

Luiz Jacintho da Rosa, 42 de Idade, cazado, natural desta Provincia, profissão Soldado destacado nesta Colonia, pelo Delegado de Policia o cidadão Joaquim Pereira Liberato, foi interrogado sobre o roubo da quantia de nove Contos de Reis, feito na Caza da Directoria onde elle, Rosa se achava de Guarda, respondeo. Perguntado: qual erão seus Cameradas da guarda, respondeo; que era José Pedro e Bernardino José de Souza, ambos Soldados; respondeo que foi antes de 7 horas para a caza da Directoria; perguntando onde estava o Director

Barão de Schneéburg respondeo que se achava em caza, e que sahira em companhia do Paolo de Ploenies e do Delegado da Policia, para a caza do Snr. Eduardo Knorring, perguntado, quem fez as duas primeiras horas da sentinella, respondeo que foi o Soldado Bernardino, e este não abandonou a sentinella durante as duas horas, disse que na sentinella de Bernardino, se apagou a luz dentro da caza, disse que na occasião de apagar-se a luz não ouviu barulho nenhum nem dentro da caza nem para fora, disse que abandonara a guarda e foi a cear, deixando de sentinella o Soldado Bernardino, e o Soldado José Pedro, que estava deitado; disse que indo de cear para a guarda encontrara em caminho perto da Caza da Directoria, o allemão Guilherme Risch, disse que, quando elle deponente estava fazendo as duas horas de sentinella o Soldado Bernardino viera ao quartel e o Soldado José Pedro estava deitado, disse mais, que durante o tempo da guarda esteve sempre acordado, disse mais que sabia que na Directoria havia dinheiro. Perguntado, se se achava embriagado respondeo que não, que achava em seu perfeito juizo. Perguntado, que hora chegou o Snr. Barão a Directoria, respondeo, que era dez e meia hora pouco mais ou menos, em companhia de seu escravo João, abrindo a porta entrando para dentro, immediatamente gritou, que se achava roubado e elle deponente vio, que se achava aberta a porta, e nesta occasião acudirão todos os praças e todos os moradores deste lugar e ahi o Barão de Schneéburg verificou que se achava roubado: de um caixote pregado e lacrado, no qual continha a quantia de nove Contos de Reis, que pertencia ao Governo, perguntado mais, se durante o tempo que esteve de sentinella, verificou-se se achava alguma porta ou janella aberta, respondeo, que não verificou, disse mais que na occasião de ir cear não avisou aos seus camaradas diga companheiros perguntado mais qual a pessoa, que com elle deponente foi conversar durante o tempo, que esteve de guarda, respondeo, que foi o Soldado Pedro Antonio, perguntado se ouviu algum barulho, dentro da Directoria antes de apagar-se a luz, respondeo, que não, pois achou-se na rua e tudo se achava fechado, perguntado que viu a porta aberta antes do Snr. Barão voltar respondeo, que não. Disse mais elle deponente, que durante o tempo, que elle esteve de sentinella e o Soldado Bernardino, o Soldado José Pedro sempre estava deitado. E por nada mais ser perguntado, deo-se por findo este interrogatorio. Visto por não saber o deponente assinar, assinou o Fernando Joenk com os testemunhos presentes e o Juiz do que dou fé. Eu Germano Thieme, Escrivão interino especialmente nomeado por este acto o escrevi. Seguem as assignaturas — Liberato — Ferdinand Joenk — von Ploennies — Eduardo Sebastião von Knorring .

Interrogatorio feito ao Soldado Bernardino José de Souza, que ontem a noite se achava de Guarda na Caza da Directoria desta Colonia. Bernardino José de Souza que diz ter 50 annos de idade solteiro,

natural de Bahia, profissão Soldado, destacado nesta Colonia, pelo Delegado de Policia o cidadão Joaquim Pereira Liberato foi interrogado sobre o roubo da quantia de nove Contos de Reis feito na Caza da Directoria desta Colonia, onde elle Souza se achava de guarda, respondeo que era José Pedro e Luiz Jacintho da Rosa, ambos soldados; perguntado qual hora foi por a guarda respondeo, que foi ao anoitecer; perguntado aonde estava o Barão na occazião, respondeo que se achava na Directoria em companhia do Snr. Delegado e de Paolo von Ploennies, perguntado qual o soldado entrou primeira na sintinella, respondeo, que foi elle o deponente, e disse, que nesta occazião seus Cameradas Luiz e José Pedro se achavão deitados, disse mais, que durante o tempo, que elle deponente esteve de sintinella o Soldado Luiz se ausentara, perguntado se viu o Barão sahir da Caza da Directoria respondeo, que sahio em companhia do Delegado de Policia e de Paolo von Ploennies, e não sabia para onde forão; perguntado se havia abandonado a sintenella, respondeo que sempre esteve na sintinella e quando entregou a sintenella estava a luz acesa e dentro da Directoria digo entregou a sintenella ao Soldado Luiz, e durante elle deponente estava de sintenella chegou lá Pedro Luiz, soldado, conversando com elle sobre o Cadete Gabriel, disse mais que durante a sintenella do deponente o soldado José Pedro, sempre estava deitado, mais ignorando se elle se achava dormindo ou acordado; disse mais elle deponente, que na occazião de que se achava de sintenella o soldado Luiz Jacintho da Roza elle deponente abandonára a guarda voltando depois; disse mais elle deponente, que na occazião de que o soldado Luiz da Rosa fazia as duas horas de sintenella elle deponente se achava dormindo, assim mais o soldado José Pedro e só se acordarão pelos gritos do Snr. Barão, quando voltou a caza e se encontrou roubada, e se achava de sintenella, nesta occazião o soldado Luiz da Roza; diz elle deponente que sabia que na Directoria havia dinheiro, mas ignorava a quantia. Perguntado, que se achava bebado, respondeo, que não, que se achava em seu perfeito juizo e que durante a sintenella não havia barulho em dentro da Directoria e nem viu porta nem ginella aberta; perguntado que hora chegou o Snr. Barão a Directoria, respondeo, que ignorava, porque se achava dormindo, disse mais elle deponente, que na occazião de o soldado Luiz da Roza sahir da guarda nem deo parte ao deponente, nem ao seu camarada; perguntando mais, se na occazião de o soldado Luiz da Roza sahir da guarda que o Snr. Barão gritava, que se achava roubado elle deponente viu alguma porta aberta, respondeo, que sim, que viu duas portas abertas uma na frente e outra na lado da Caza da Directoria. Disse mais elle deponente, que pessoa alguma e nem mesmo seus Cameradas o convidarão para fazer roubo do dinheiro, que havia na directoria. E por nada mais ser perguntado deo-se por findo este interrogatorio, depois de elle ser lido e achar com forma e visto não saber escrever, assinou a seu rogo o Dr. Eberhardt, com o Juiz do que todo dou fé .Eu Germano Thieme Escrivão

interino especialmente nomeado por este acto o escrevi. — Liberato
— W. Eberhardt Dr. phil. — Luiz Spengler — Ferdinand Joenk.

Interrogatorio feito ao Soldado José Pedro Ferreiro, que se achava hontem a noite de guarda na Casa da Directoria desta Colonia. José Pedro Ferreiro, que diz ter 23 annos de idade, solteiro, natural da Provincia de Sto. Paulo, profissão Soldado, destacado nesta Colonia, pelo Delegado de Policia o cidadão Joaquim Pereira Liberato foi interrogado, sobre o roubo da quantia de nove Contos de Reis feito na Caza da Directoria no Dia 4 do corrente, onde elle Ferreiro se achava de guarda; perguntado, qual erão seu cameradas da guarda responde, que erão Luiz Jacintho da Roza e Bernardino José de Souza, ambos Soldados, perguntado que horas elles forão fazer a guarda, respondeo, que foi antes de escurecer, e perguntado, que viou o Barão, respondeo que não o viou em Caza, mas encontrou a caza fechada. perguntado, quem foi o Soldado que fiz as primeiras duas horas de sintenella, respondeo, que foi o Soldado Bernardino José de Souza, e este não abandonou a sintenella, e disse mais, que não vi luz em caza da Directoria, respondeo mais, quando elle deponente chegou na guarda estava fazendo sintenella o soldado Bernardino, e perguntado mais se elle deponente durante a sintenella do Bernardino e do Luiz estava dormindo, respondeo que sim. Disse mais que viou o Soldado Pedro Antonio, ir conversar com elle e com os outros cameradas sobre o codete Gabriel. Disse mais, que na occasião de Bernardino fazer a sintenella viou o Soldado Luiz sahir da guarda e disse, que vinha ao quartel de beber café e que isto foi depois de sete horas, disse o deponente, que não entrou de sentinella por que não tocou-lhe a vez, perguntado se elle sabia, que havia dinheiro na Directoria respondeo que sabia, mas ignorava a quantia. Perguntado, se se achava elle e seus companheiros bebido ou com seu perfeito juizo, respondeo que todos estavam com seu perfeito juizo. Perguntado se tinha visto abrir alguma porta ou janella, respondeo, que não podia ver porque se achava dormindo, e não viou o Snr. Barão voltar, accordou-se só pelos gritos do Snr. Barão, que gritava, que se achava roubado, e mesmo não podia calcular as horas, pois estava dormindo. Perguntado, que elle durante o tempo, que se achava accordado viou alguma porta aberta, disse, que não o viou e nem barulho dentro da Caza da Directoria disse mais, que quando foi para a guarda já lá se achavão Bernardino de Souza e Luiz da Roza ambos, ambos se achavãos accordados e Bernardino estava de Sintenella. E por nada mais ser perguntado deo se por findo este interrogatorio, visto não saber ler nem escrever assinou a seu rogo von Ploennies, com o Juiz e as testemunhas presentes e do que dou fé. Eu Germano Thieme Escrivão interino, especialmente nomeado para este actq, que o escrevi. — Liberato — von Ploennies — Luiz Spengler — W. Eberhardt Dr. Phil. —

Interrogatorio feito ao Colono Guilherme Risch em 5 de Março de 1862. Guilherme Risch 36 annos de idade, cazado, profissão lavrador, natural do Grão-Ducado Oldenburg, pelo Delegado da Policia o cidadão Joaquim Pereira Liberato, foi elle feito as perguntas de Maneira, que seguem: Perguntado, que havia visto a porta da Directoria aberta, respondeo, que tendo estado no rancho de Willerich, pegado a Caza da Directoria e a encontrou aberto, sem luz dentro da Caza e sem pessoa, que fizesse barulho na mesma caza e poucos passos da caza, da Directoria encontrou elle deponente o soldado Luiz Jacinto da Rosa, que subia para caza da Directoria e que não dera parte de encontra a porta aberta, por não saber, se o Barão tinha dinheiro ou não. Disse mais, que estando no rancho de Willerich, ouviu uma pessoa tropeçar na frente do rancho indo de tamancos, mas elle ignorava quem fosse. Disse mais, que depois tinha encontrado o Soldado Luiz e que hia a sua caza e sem encontra pessoa alguma no caminho. E por nada mais ser perguntado deo se por findo este interrogatorio, que assinou com o Juiz, de que tudo dou fé. Eu Germano Thieme Escrivão Interino especialmente nomeado para este acto, o escrevi — Liberato — Wilhelm Risch — Conforme Germano Thieme.

—*•*—

Directoria da Colonia Brusque em 16 de Março de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Em Officio, que tive a honra de dirigir a V^a. Ex^a. com data de 5 de Março corrente, e que levou na madrugada do dia 7 o Snr. Delegado da Policia Joaquim Pereira Liberato para remettel-o por um Policial expresso da Villa à Cidade, levei ao conhecimento de V^a. Ex^a. o acontecimento do Roubo de Rs. 9:000\$000 na noite de 4 a 5, e seu reachamento no mesmo dia 5 pelas 4 a 5 horas da tarde n'humalagoa, pedindo instrucções (além de todas indagações possiveis e pesquisas, que aqui continuamos a fazer) como devia pela Lei de proceder neste caso para o descubrimento de summa importancia, do ladrão. Repetindo o conteudo do dito Officio acresciento alguns detalhes minuciosos.

Desde a noite de 7 de Fevereiro, em que cheguei de regresso da Cidade à essa Colonia para reassumir a Direcção da mesma, tendo Rs. 25:000\$000 dinheiro do Estado no meu poder, para os pagamentos das despezas da Colonia, feitas nos mezes passados de Outubro, Novembro e Dezembro de 1861 e para os de Janeiro 1862 feitas e em Fevereiro e Março provaveis a fazer, mandei vir todos os dias ao anoitecer, humaguarda de 3 Soldados, fazer Sentinella por turno de 2 em 2 horas até o romper do dia, na casa muito insufficiente, e sem segurança alguma, da Directoria.

Na noite de 4 do corrente a 5, constou esta Guarda dos 3 Sol-

dados: Bernardino José de Souza, Luiz Jacintho da Rosa, e José Pedro.

No dia 4 de Março pelas 7 horas de noite, convencionados de sahirmos um pouco como de costume, fechou o Snr. Delegado da Policia a porta na frente da casa e as 2 janellas em presença do Fiscal Paulo Ploenies, em quanto eu estava ainda escrevendo, e acendi uma lamparina, que sempre deixo acesa, para achar luz na minha volta.

O Fiscal tinha vindo, dar parte dos Serviços nos caminhos à seu cargo, e o Snr. Delegado por costume e dedicação de amizade, e respondeo à minha pergunta, como as mais vezes fizesse, se tinha tudo bem fechado: certamente que sim: o Fiscal fechou a porta da sahida da casa no lado do espigão da casa, entregou-me a chave, e depois de eu ter verificado ser bem fechada, fomos visitar o Agrimensor Germano Thieme, morador muito perto da casa da Directoria. Depois de circa de meia hora de demora, o Fiscal tinha sahido para ceiar à sua casa, fomos à casa do Snr. Knorring, marido da Professora-Publica. Conversando ali cousa de 1/4 de hora, sahio o Snr. Delegado para finalizar alguns afazeres do seu negocio em casa de sua propriedade, dizendo que voltava buscar-me para irmos então juntos como de costume, ceiar na casa particular do Dr. Eberhard aonde estou em pensão de alimentação, e situada na Rua-perpendicular áquella do Snr. Knorring, aonde fiquei esperando. Poderião ter decorrido 3/4 de hora, quando o Snr. Delegado mandou-me dizer por seu caixeiro alemão Julio que não podia vir buscar-me por ser ainda muito occupado, e que eu fosse buscar-o na sua venda, (a mesma Rua em pouca distancia da casa do Snr. Knorring).

Sahi immediatamente sem mais demora, e fui á dita Venda, presenciando o Snr. Delegado accabar as suas escritas, e á diversas Ordems e recommendações, que deo à seu Caixeiro relativas ao seu negocio, e fomos ceiar em casa do Sr. Eberhard.

Commeçou a chover, retiramonos pelas 11 horas, cada um com luzes accesos na mão, pois a noite era escura, e separamonos no caminho, indo cada um directamente à sua casa em distancia uma da outra, que em maxima differencia de 3 minutos, cada um devia chegar à sua. Achei o soldado, Luiz Jacintho da Rosa, de Sentinella na porta do lado do Espigão da casa da Directoria, o soldado Bernardino José de Souza julgo, se não me engano acordado e não vi o Soldado José Pedro, que dizia no outro dia ter dormido neste momento e quasi toda a noute, recolhido em um pequeno abrigo, que mandei fazer para servir de recolhimento aos soldados não de sentinella. Abri esta porta com a chave, que como sempre levei comigo e apenas entrei no pequeno espaço da casa com a luz acesa na mão, achei a lamparina apagada, e vi immediatamente a porta dobrada na frente da casa, toda e larga-

mente aberta. Assustado corri à escrivaninha (uma mesa grande, de ambos os lados com repartimentos e gavetas todas e todos com fechaduras), e achei-a forçada e rompada por um buraco feito na taboa lateral em que entra a linguetta da fechadura daquelle repartimento. fechado com fechadura de dobrada volta (cujas chaves em toda parte levo sempre comigo, e os tinha n'algibeira), em que estava guardado o denheiro do Estado ;um caixão pregado, com oleado amarello envolto e sellado, que continha Rs. 9:000\$00, roubado; e outro caixão aberto sem tampa, que conforme a cifra da caixa, na antevespera feita, devia conter Rs. 2:615\$000 em notas novas de 2\$ e 1\$ e alguns reis em cobre; este caixão que sempre e sempre estava posto em cima do roubado, achei metade fora e metade dentro do repartimento com todo o denheiro a vista, no qual como pela contagem posterior se verificou estavam Rs. 2:615\$000 em notas e algum cobre, o ladrão não tocou neste denheiro.

Este reconhecimento terrivel, foi cousa de minutos, diria quasi de segundos. Saltei, com a mesma luz na mão, da porta para fora, gritando com todas as forças que tinha, por Socorro, que estava roubado! Socorro!

Acorrerão logo o Snr. Delegado, que, como elle disse ao Snr. de Knorring; apenas chagado em casa nem tempo tinha, para segurar a vela de sebo que levava sobre alguns pingos que deixou cahir nos portaes da janella, quando ouviu os meus gritos; accorerão muitos habitantes da Sede da Colonia, Colonos, empregados e particulares; declarei o Roubo e o denheiro achado, o qual depois de contado ficou pelo momento na mão do Delegado guardado.

O Delegado procedeo immediatamente o Visum repertum e o corpo delicto verbal, mandando examinar tudo pelos Accorridos presentes deo-se busca nos Ranchos, e com prompta concessão dos habitantes, em quasi todas as casas e vendas, inclusivamente à Ordem do Delegado na sua própria, batteo-se toda a noite e com toda a chuva o matto. Colloquei logo Guardas soldados e colonos em todos os caminhos que conduzem nos lottes dos Colonos, e nos caminhos que conduzem da Sede da Colonia para fora da mesma, assim como ao longo do Rio, sem nada achar, sem nada descobrir.

Deo-se também busca, a pedido do seu marido, em casa da Professora Publica, nas casas de todos os empregados, em casa do Ex Secretario Guido Seckendorf por mim demittido do seu cargo em 8 de Fevereiro do anno corrente, que tinha chegado da Pedra Grande, aonde se occupa na construcção de uma casa, visitar no dia 4 do Roubo visitar sua familia, ainda residente na Sede da Colonia, donde regressou no dia 5 antes do roubo achado; tudo inutilmente.

Continuarão todas as diligencias no dia seguinte, que era 5 do mez de Março corrente, vierão os Colonos avisados ainda de noite,

para batterem em multidão todo o matto vizinho para descobrir pelo menos alguns vestigios, prometti à quem soubesse descobrir o ladrão, ou achasse o roubo, Rs. 100\$000 de Gratificação — tudo sem effeito. O Snr. Delegado procedeo o Interrogatorio e depoimento dos 3 soldados, que estavam de Guarda na Directoria, e do Colono Guilherme Risch que se achou contiguo de baixo do mesmo tecto da Directoria no do Rancho pegado de visita ao Colono Willering; e junto aqui as Copias escriptas e attestados pelo Escrivão interino, nomeado especialmente pelo Snr. Delegado da Policia para essa acontecimento, Germano Thieme.

Entre as 4 e 5 horas da tarde do dia 5 de março, arrastando-me de novo para continuar a presenciar as diligencias, para fora da casa da Directoria, aonde me tinha recolhido por uma hora, para descansar da fadiga. Encontrei quasi de frente da casa do negocio dos Srs. Dr. La Roche e Eduardo Sales, administrada, com interesse nos lucros, pelo Suisso de nome Matter, grittando as creanças allemaes e meu pequeno moleque que vierão correndo: O B'acker (padeiro em portuguez) achou o denheiro na lagoa nos fundos de sua Casa de Hospedaria e de negocio com venda; Seu verdadeiro nome é Philippe Krieger, colono, com seu lote muito bem plantado por trabalhadores allugados e que naturalmente não recebe subsidios, e é geralmente apellido Baecker (padeiro) por ser padeiro na padaria do Snr. Joaquim Pereira Liberato. O Agrimensor Thieme, escrivão interino, especialmente nomeado neste acontecimento pelo Snr. Delegado da Policia, estava em minha companhia, e vimos vindo o Snr. Delegado do lado de Phelippe Krieger, levantando o Caixão achado, no ar acompanhado pelo Dr. Eberhard e Philippe Krieger. Este declarou, que passando pela pinguela sobre a estreita lagoa nos fundos de sua casa, para ver sua plantação de milho além, e para outra urgencia corporal, vio quasi ao pé da pinguela um caixão sumergido pela metade nas aguas da lagoa; e asustado que seja talvez o roubado, correo á casa em frente da sua; do Dr. Eberhard, participando-lhe aquelle encontro, que neste instante chegou tãobem o Snr. Delegado Liberato á mesma casa, e forão todos os 3 ao lugar indicado, tirarão o Caixão ainda pregado, rasgando-se no acto de tiral-o d'agoa o fino encerado, e levarão o á casa da Directoria, aonde foi aberto em presença de muitas testemunhas; achou-se dentro 9 paquetes cada hum de hum Conto de Reis, ou por outra os 9:000\$000, em notas novas de 2\$ completas, mas muito molhados.

Oh! Exmº. Snr.! Sim, Deos é grande! Elle ouviu em tempo, as preces de minha alma em agonia, da minha honra assassinada. Resta a descobrir o assassino .

Como o Snr. Delegado na sua partida se esquecesse de mandar escrever e assignar o Corpo de Delicto na noite do roubo só bo-

calmente feito, por isso julguei me obrigado, de exigir por escrito as declarações e opiniões, que declararão as mesmas digo e opiniões, que pronunciarão as mesmas pessoas testemunhas no Corpo de delicto bocal, na noite do roubo, na occasião que examinarão minuciosamente o rombamento da Escrevaninha e mais circumstancias, cujos depoimentos forão escriptas em parte pelo Snr. Max, Barão de Prinz, em parte pelo escrivão interino Germano Thieme dictados e assignados pelos respectivos Depoentes e alguns totalmente manu propria escriptos e assignados; todos com assistencia do Escrivão interino feitos e por elle rubricados. Remetto os juntos, a V.^a. Ex.^a. em originais, pois não tive tempo de copial-os e menos de traduzil-os para portuguez. Dos Depoimentos mencionados sobre o achado no exame do arrombamento da Escrevaninha collige-se que o arrombamento fôra feito por um instrumento de ferro pontiagudo segundo a opinião de ums, e cortante pela opinião de outros, alguns assistentes julgarão ser feito por Baionetta; por isso remetto a V.^a. Ex.^a. aquella das 3 Baionetas dos 3 soldados que sempre montão a Guarda do denheiro só de Baionetta, na qual os assistentes julgarão serem visiveis certos signais, ella pertence ao Soldado da 1.^a. Sentinella na noite do roubo: Bernardino José de Souza. — Collige-se mais pelas marcas bem visiveis na estreita frente da linguetta da fechadura, que esta linguetta foi pelo buraco do arrombamento na taboa lateral, com força empurrada e assim entrado na fechadura; e que a porta do repartimento em que se achava o denheiro, pelas marcas claras de um instrumento cortante, que nella fresquissimamente feitas se vê, por ser dura de abrir-se mesmo com a fechadura aberta, foi puchada à força para fora.

Collige-se mais, que o ladrão deve ter tido completo conhecimento das particularidades da casa e da Escrevaninha, ou que fora muito bem ensinado, que havia denheiro no Caixão pregado e mais do que os 2:600 e tantos mil reis, que disprezou de levar do caixão aberto com o denheiro avista, cujo caixão devia primeiramente tirar de cima do caixão pregado, e necessariamente ver o conteudo, pois o juste acerto do buraco do arrombamento em frente da linguetta, indica ser feito com luz acesa, e finalmente, que, não se encontrando rombamento nenhum, nem nas portas, nem nas janellas, salvo umas incisões com ferro cortante na pequena tramella de páo, que jira sobre um prego, com a qual alem da fechadura, se segura ainda a porta dobrada na frente da casa; e que com facilidade pela fresta entre a dita porta e a taboa que faz parte da parede de taboas da casa, pode ser abaixada por quem está fora da casa. O ladrão deve pois ter entrado pela porta da Serventia em uso geral no lado do Espigão por auxilio de uma chave falsa ou ter aberta esta mesma fechadura bastante ordinaria por um prego, sahindo depois de ter fechado outra vez a dita porta pela dobrada na frente — ou entrou e sahio pela porta da frente só. Em nenhum de ambos os casos, parece ter-se podido fazer o roubo e arrombamento tão imperceptivel, e por isso é incrível sem te-

rem sido a Sentinella ou os Soldados da Guarda de uma ou de outra maneira de conivencia qualquer que seja; precisando o ladrão (como fez) primeiramente deslocar uma velha pesada poltrona de braços e assento almofadados, que sempre esta encostada na porta do repartimento arrombado da escrevaninha, o que assim como o arrombamento sempre deve ter feito um barulho estranho no interior, principalmente n'uma noite chuvosa como a do Roubo, estando todo em redor da casa em completo silencio.

Ainda tenho de observar, que forão achados vestigios de pisadas perto e na beira da lagoa, em que se achou o roubo, de pé fino, comprido, na sola do pé cavado e de dedo unidos, que parecem não pertencer á pessoa acostumada de pé no chão, que porem devião ter-se apagadas, se o roubo foi deitado na mesma noite na lagoa, pois chuveo muito depois da meia noite até quasi ao amanhecer, só se foi, depois transmudado de outro lugar para o do achamento do roubo.

Não sei, se foi puramente infame cobiça do denheiro, ou se entrou também algum espirito de malquerencia, inveja, continuação das intrigas interesseiras, ou de vingança neste trama e drama do roubo.

Com o auxilio de Deos e da Justiça espero ancioso, junto com todos os empregados na Direcção da Colonia, que se descobrirá o ladrão.

Remetto nesta data os 3 Soldados que estiverão de guarda, presos ao Snr. Commandante do Batalhão do deposito, accompanhados pelo Cabo Pinto, de toda a minha confiança.

É tudo, que por ora tenho de levar ao conhecimento de V^o. Ex^a.

Deos Guarde á V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta

Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

—*•*—

Directoria da Colonia Brusque em 16 de Março de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Tenho de levar ao conhecimento de V^a. Ex^o. que nesta data remetto á presença do Snr. Commandante do Batalhão do Deposito os 3 soldados que estavam de Guarda do Denheiro do Estado na noite de 4 a 5 de Março corrente, noite do roubo do Caixão com Rs. 9:000\$000, por meio de arrombamento da Escrevaninha da Directoria; elles vão presos e conduzidos pelo Cabo Pinto. Inklusas vão as copias do Depoimento dos mesmos, e do Colono Guilherme Risch.

Deos Guarde a V. Ex.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta

Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

Notícias de CHEB - Tchecoslováquia



Castelo Schneéburg



Cheb - Capela e Cemitério

Muitas foram as tentativas feitas no sentido de se conseguir o maior número possível de subsídios para a biografia de Maximiliano de Schneéburg, inclusive sua fotografia.

Padre Raulino Reitz, ha poucos anos, em seu giro pela Europa, visitou o castelo Schneéburg em Innsbruck — Austria, recolhendo dados da família e fotos do velho castelo, internas e externas. Frei Estanislau Schoette OFM, de saudosa memória, destacado na Comissão de honra do centenário, em 1960, gratidão dos brusquenses pelo muito que recolheu para nossa história, conseguiu informações do tempo em que Schneéburg, residindo em Petrópolis, foi professor do famoso Colégio Calógeras. Nas representações diplomáticas da Austria e da Tchecoslováquia no Brasil, conseguimos os dados que se seguem:

Ano, Mês e Dia do Falecimento: 16 de setembro de 1869

Ano, Mês e Dia do Sepultamento: 18 de setembro de 1869

Nome do Sacerdote Celebrante: Johann Wenig, Decano de Eger

Nome e Sobrenome: Barão Maximiliano de Schneéburg, antigo Cavaleiro, de Eger, e Capitão do Exército Imperial do Brasil.

Local de Nascimento: Franzensbad N. C. 15

Religião: Católica.

Doença e Causa Mortis: Debilidade Física.

A possibilidade de informações junto a um colega filatelista,

Václav Křeček, residente em Praga, produziu a seguinte notícia:
18.7.1976

Caro Ayres:

Fomos a Cheb, visitar o túmulo de Maximiliano von Schneéburg. Não existe mais seu túmulo. Foi mudado o cemitério onde ele estava sepultado.

Existe agora um novo cemitério em Cheb, do qual incluo a foto. Desculpe-me ter-lhe escrito somente agora. Ocupações o impediram.

Com os melhores votos para você e sua família .

Václav

AUTO BIOGRAFIA DO PASTOR JAHANN ANTON HEINRICH SANDRECZKI

(Conclusão)

Auto-biografia do Pastor Heinrich Sandreczki, escrita em setembro de 1909.

(Tradução de José Ferreira da Silva, de uma cópia pertencente à Sociedade dos Amigos de Brusque .

O primitivo caminho pelo mato, para minha casa, fôra, nesse meio tempo, aplainado e embelezados o interior da morada e as suas vizinhanças. Mesmo uma dona de casa exigente poderia habitá-la.

O apelo à minha noiva, em Basel, podia ser feito: "Está tudo em ordem. Venha para cá, para ser a minha ajudante e companheira".

E ela veio. Era Elisabeth Groben, irmã da senhora do Pastor Wagner do Rio. Eu fui encontrá-la no Rio de Janeiro. Lá nós nos casamos na igreja evangélica, a 9 de outubro de 1868, celebrando o ato o meu cunhado, o Pastor Wagner, em presença das testemunhas, o Pastor Hermann Reuther e o negociante Lutz.

Tão logo minha mulher se

refez dos incômodos da travessia do Oceano viajando num vapor costeiro, primeiramente para Desterro, de onde fomos visitar o Pastor Tischhauser, em Santa Isabel. Depois seguiu-se uma viagem de quatro dias, a cavalo, por caminhos melhores, através de matas virgens e campo aberto, uma parte ao longo do litoral, atravessando rios a vau e terrenos alagados .

No quarto dia, ao anoitecer, alcançamos Brusque, onde, na balsa do Itajaí, senhoras da Comunidade nos receberam e acompanharam minha mulher no pequeno trajeto, através da mata, até a nossa casa, cujas janelas já apareciam iluminadas.

Ela foi agradavelmente surpreendida quando, em vez de um rancho grosseiro, como imaginaria onde mosquitos atormentariam com as suas ferroadas, pisou a soleira de uma casa assoalhada, coberta com telhas, com janelas envidraçadas, de um lar limpo e bem arranjado.

Isso facilitou-lhe muito o acostumar-se com os hábitos estranhos e suavizou-lhe logo as horas em que, de quando em quando, chorava as saudades da sua querida pátria suíça.

Como, entretanto, ela foi, pelos tempos adiante, uma esposa e mãe, fiel, amorosa e dedicada, durante os 21 anos de sua permanência no Brasil!

A Comunidade, como já se disse, havia construído um templo digno. O Culto Divino era bem frequentado. Mas era necessário dar à juventude, além do ensino do catecismo, um espírito verdadeiramente evangélico. Planeiei, assim, fundar uma escola da qual eu mesmo seria o professor.

O primeiro sínodo dos pastores evangélicos realizou-se no Rio, a 19 de agosto de 1867. Foi o único durante o meu ministério, em virtude do problema das despesas que deveriam fazer cinco dos pastores, que tinham suas sedes a grandes distâncias.

O sínodo compôs-se dos pastores C. Wagner, do Praeses Chr. Tischhauser, Bernard Pflüger, Johann Bernard Gellerbach, Hermann Reutter e Heinrich Sandreczki.

Esse sínodo reconheceu, já na sua fundação, como tema mais importante, a criação de institutos de ensino evangélicos e o seu desenvolvimento.

Um estabelecimento dessa natureza já existia em Santa Isabel, na Província de Santa Catarina, fundado pelo pastor Wagner e por êle dirigido e, sucessi-

vamente, pelos pastores Tischhauser e Zluhan.

O sínodo proporcionou também os primeiros meios financeiros para a construção da escola em Brusque, por intermédio de amigos cristãos de Basel. Os demais fundos eu os recebi da Sociedade Gustavo Adolfo, da Alemanha, da Sociedade de auxílios eclesiásticos de Basel e de muitos amigos cristãos da Alemanha e da Suíça, conforme documenta o relatório referente ao primeiro ano.

Consegui terminar a Construção, que prosseguira vagarosamente e com largas interrupções, visto a receita entrar vagarosamente, depois de quatro anos de muitos trabalhos e dificuldades.

Afinal, em abril de 1872, dei começo às aulas. O começo não foi nada encorajador. Matricularam-se apenas quatro alunos. Os membros da Comunidade preferiam mandar os filhos às escolas públicas, onde o ensino era gratuito, do que pagar mensalidades na minha escola.

Mesmo assim, sem desanimar nem reclamar, comecei as aulas com os quatro alunos. Apesar das desconfianças que se levantaram contra a escola, o número de alunos crescia de mês para mês. O reconhecimento de que, afinal, era ponto de honra da Comunidade apoiar a escola, foi, pouco a pouco, elevando o número de alunos até que chegou a 60.

Nos pontos mais distantes da Colônia também fundaram-se escolas particulares. Colomos

dedicados mantinham-nas com dificuldades.

O sucesso da minha escola, da qual fui professor durante seis anos, encorajou-me a dar todas as minhas forças no sentido de aumentar-lhe os resultados, sem prejuizo do meu ministério pastoral. Também por parte das autoridades a escola teve o seu reconhecimento. O ensino limitava-se à leitura, escrita, contas, línguas alemã e portuguesa, e canto.

Com o tempo, as minhas forças não me permitiram mais que, além do exercício do meu posto, eu me dedicasse sozinho à escola. Por isso escolhi, para me auxiliar, um dos meus alunos bom e talentoso, Alberto Müller, cujo preparo intelectual passei a incentivar.

Quando mais tarde, eu assumi também a Comunidade da vizinha Colônia Blumenau e para lá tive que me transferir, levei-o comigo como fâmullo e professor particular. Posteriormente, consegui-lhe matrícula no Seminário de Professores de Württemberg, na Alemanha, e lá êle formou-se como professor do ensino superior, com emprego em Berlim.

No andar inferior da Casa da Escola, estava prevista a residência do Professor. O termo da Construção, entretanto, prolongou-se por anos, por falta dos necessários meios.

Por fim pudemos ocupar os belos compartimentos, mas apenas por dois anos, pois por esse tempo, verificou-se uma profunda mudança para nós, para a

Comunidade e para a Escola. O então diretor da Colônia — isso no ano de 1880 — propusera ao governo, entre outras medidas de economia, a diminuição dos ordenados dos empregados e os meus salários foram significativamente reduzidos. Foi quando a doença e o falecimento do pastor da Comunidade de Blumenau vieram alterar, para melhor, a nossa situação. Eu teria que cuidar também daquela Comunidade e também logo candidatei-me ao lugar vago e o governo me concedeu um aumento de ordenado para cuidar das duas Comunidades, com a condição de que eu passasse a residir em Blumenau.

Para as diversas capelas nos distritos de Blumenau, eu tive, de começo, que officiar o Serviço Divino em dias da semana, até que pudesse, mais tarde, remover esse inconveniente.

Durante os dez anos seguintes, o meu ministério não foi mais que o de um pregador itinerante. Eu cumpri, entretanto, a minha missão com coragem e confiança, pois, desde criança, eu fora um bom cavaleiro e possuía agora um cavalo excelente e, graças a Deus, gozava de excelente saúde para superar as dificuldades. Assim, no respeitante às condições físicas, não constituía penitência para mim a pregação do Evangelho. Permita Deus que somente benções tivessem advindo dessa missão exercida em seu glorioso nome e como trabalho preparatório para o aproveitamento das condições da igreja pela melhoria dos cuidados para

a Comunidade e a cura de almas.

Esse melhoramento desenvolveu-se também depois do meu regresso à Europa, com a chamada de diversos outros pastores, para o campo em que eu trabalhava sozinho e que se subdividiu em outros pequenos setores.

Na vila de Blumenau ergueu-se a grande e bela igreja construída pelo Governo, situada numa colina. Além dessa, em diversos outros distritos da Colônia, foram construídas, no meu tempo, pelos colonos, quatro outras capelas. Onde não existia capela, faziam-lhe as vezes as salas de escola, onde se realizavam os cultos divinos.

Em agosto de 1880 mudei-me, com a minha família, para Blumenau, onde estabeleci a sede das minhas atividades. Brusque tornou-se uma Comunidade filiada a qual eu visitava mensalmente. Confiei a escola a um eficiente, dedicado e jovem professor, emigrado há muitos anos e que dirigia uma escola no interior e que era estimado por todos. Sob sua direção a escola progrediu. Infelizmente, já há sete anos que faleceu. O seu substituto foi B. Howard, também professor profissional e que, igualmente dedicou-se inteiramente a um abençoado trabalho.

Em Blumenau vivemos, logo depois da nossa mudança, a terrível enchente de 1880. As águas do grande Itajaí subiram, em Blumenau, a 16 metros acima no nível normal e provocaram enormes prejuízos. Feliz-

mente, poucas pessoas perderam a vida.

Blumenau e Brusque recuperaram-se logo dessa catástrofe.

Com o ano de 1892, entretanto, os negócios da Colônia sofreram uma grande mudança. O governo resolvera emancipar a Colônia e a elevação desta à entidade autônoma, com a supressão de todos os funcionários da sua direção e também do pastor que deveria ser estipendiado, daí em diante, pelos próprios colonos. O susto, de começo, foi grande.

Mas logo a população aprendeu a caminhar com seus próprios pés, especialmente com o inesperado auxílio representado pelas muitas e bem pagas oportunidades que foram abertas com a construção de estradas e outros empreendimentos. Os colonos praticavam agora a agricultura de um modo que lhes garantia bons lucros na exportação. Esta era feita, inicialmente, por intermédio do Sr. Asseburg, um negociante prudente e empreendedor, que arranjou bons mercados e regulou os meios para a exportação de todos os produtos da pecuária. Também diversas indústrias começaram a surgir em ambas as colônias.

Para mim, porém, a mudança de situação não foi nada favorável. Eu tornara-me, pela emancipação e conseqüente suspensão dos vencimentos oficiais, um homem independente, tanto em relação ao governo, como em relação às chamadas Comunidades. Deveria, portanto, entender-me, na qualidade de particular, com os membros de cada uma das Comunidades, se estas pretendes-

sem os meus serviços eclesiásticos.

Gratuitamente, eu ia a dez diferentes lugares para officiar os serviços divinos domingueiros e em três deles dar doutrina a confirmandos de sorte que a pregação do evangelho não foi prejudicada.

A situação era a seguinte: a população evangélica não queria concordar em fazer comigo um contrato garantindo-me um ordenado fixo. Baseando-se na carestia surgida em consequência da emancipação, entendia que os emolumentos obtidos com a prática dos atos religiosos eram suficientes para a minha manutenção. Esses emolumentos, entretanto, eram muito reduzidos. Eu desejava, entretanto, uma segurança contratual, mesmo desistindo dos citados emolumentos.

Então eu também era de opinião que a emancipação das colônias significava o seu atraso econômico e pensava, conseqüentemente, em não apresentar nenhuma exigência exagerada.

Com o tempo, entretanto, as coisas seriam outras. E foram, realmente, outras, quando eu notifiquei a minha dispensa de prestação de serviços num distrito de Blumenau que tinha por sede Badenfurt. A Comunidade teve que se organizar e contratar um pastor na Alemanha sob determinadas obrigações contratuais.

O primeiro pastor para a circunscrição do Rio do Teste, com sede em Badenfurt, foi Heinrich Runte, da Casa Missionária de Barmen. Então, na comunidade de Rio do Teste, cresceu o inte-

resse pelas coisas da igreja. Eles construíram uma bela casa paroquial em três lugares diferentes foram construídas igrejas.

Esse belo sucesso e bom exemplo serviram de corajoso estímulo.

Por fim a Comunidade da Vila de Blumenau, de comum acordo com as Comunidades do Distrito de Itoupava e de Brusque resolveram assegurar-me o posto. Ficou assentado que eu officiaria o Serviço Divino de 15 em 15 dias em Blumenau, e cada mês em Brusque. Os demais domingos eu os destinaria às comunidades ainda não organizadas dos demais distritos. Os moradores destes poderiam assistir ao Serviço Divino alternadamente.

Eu celebrava o Serviço Divino em dez distritos: na Vila de Blumenau, na de Brusque e nos distritos da Colônia Blumenau: Itoupava, Velha, Encano, Indaial, Itoupava Norte, Warnow, Ilse-Neisse e Timbó. Essas localidades eram bem distantes umas das outras. Eu ia até elas a cavalo, raramente de carro.

Durante todos os meus 25 anos de ministério no Brasil, apenas uma vez eu tive que transferir o Serviço por me sentir indisposto de saúde.

Meu trabalho foi mais de pregador itinerante, mais um trabalho de pioneiro do que de Cura d'almas numa igreja bem organizada e como único pastor de uma comunidade forte.

O meu campo de trabalho, com uma população de cerca de 4.000 famílias, era grande demais. Cheguei à conclusão de que a minha perseverança ia impedindo

um aumento de colaboradores, já que alguns distritos acharam preferível por interesse financeiro satisfazer-se com os meus serviços.

Por isso, amadureceu-me o propósito de denunciar o meu contrato e deixar o Brasil, e em seguida viajar para a Eurípa.

Encorajou-me mais nessa decisão a promessa de um auxílio por parte da Casa Missionária de Basileia, de onde eu havia sido mandado para o Brasil. Além disso, eu esperava encontrar um outro motivo que eu tive para deixar o Brasil: foi uma doença de minha mulher que, na opinião do médico e amigo da família, Dr. Valleton, somente poderia ser resolvida por uma intervenção cirúrgica, que ele recomendou fosse feita na Eurípa.

Além disso, era preciso cuidar da instrução secundária dos filhos, para o que, naquele tempo não havia oportunidade em Blumenau.

O Distrito de Itoupava propôs-me a direção da Comunidade, pois havia sido decidida a separação daquela Comunidade de Blumenau e a construção de uma igreja e casa paroquial. Eu, entretanto, pude esclarecer a todas as comunidades que estava no irreversível propósito de dar por findo o meu ministério na Colônia e de regressar à Eurípa.

A surpresa foi grande nas comunidades ainda não organizadas. Lamentou-se a minha decisão e tentou-se dissuadir-me da idéia. Asseguraram-me que estavam muito satisfeitos comigo. Tive que responder-lhes que eu,

entretanto, não estava satisfeito com as Comunidades. A minha demissão, disse-lhes, serviria melhor à Comunidades, pois, sendo obrigadas a pedir pastores que viessem da Eurípa garantidos por contrato, teriam que organizar-se em paróquias.

Ao mesmo tempo eu me ofereci para digir-me ao "Comitê para os protestantes alemães no Brasil", o qual assumira a incumbência de arranjar pastores para a Diáspora.

Isso de fato aconteceu no correr dos anos e o antigo distrito em que exerci a minha atividade e que, pela crescente imigração, aumentou muito, é hoje servido por cinco pastores.

Durante 25 anos eu exerci o meu ministério, primeiramente nas Colônias Teresópolis e Santa Isabel, e depois de 1865, em Brusque e durante 10 anos (1879 — 1889) em Blumenau; batizei 5.120 crianças, confirmei 2.215 adolescentes e casei 900 casais. Dos óbitos pude anotar poucos. Nos distritos mais retirados, os professores particulares se encarregavam da encomendação, pois, do contrário, eu estaria a toda hora em viagem. Os casos eram notificados às autoridades. Não pude anotar o número total. Uma comparação entre o número dos nascimentos e o de óbitos dá um contingente muito grande a favor dos primeiros.

Cessaram as minhas relações funcionais com Blumenau e Brusque e eu apresentei a ambos os distritos as minhas especiais despedidas. Mais dolorosa foi a des-

pedida de Brusque porque lá as relações com os membros da Comunidade haviam se tornado muito íntimas durante os 25 anos de trabalho e pela minha atuação na escola que eu fundara.

Deixamos Blumenau a 21 de agosto de 1889. No pequeno porto de atracação do vapor "Progresso", que nos devia conduzir à cidade portuária de Itajaí aguardava-nos um grande número de moradores da Vila para despedirem-se de nós. Iniciamos a viagem em nove, primeiramente no "Progresso", para Itajaí. Daí seguimos para o Sul, rumo o Desterro (Florianópolis) para lá tomarmos um vapor costeiro, que nos levou para o Norte, para Santos, onde embarcamos no vapor hamburguês "Tijuca".

Em Desterro fomos alvo de cordial recepção por parte do Cônsul Hackradt e do negociante Ebel.

De Santos, a viagem foi feita via Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com uma única escala européia em Lisboa, até Hamburgo. A viagem durou, desde Blumenau, 42 dias, dos quais 23 sobre o mar e os outros 19 nas estadias nos portos em que o navio permanecia atracado para carga e descarga.

Em todos eles descíamos a terra e encontramos também bons amigos. Foi uma bela e calma viagem em pequena, mas agradável companhia. Na Bahia de Biscaia, ao Norte da Espanha, onde fomos envolvidos por uma cerração muito forte, acidentou-se um barco de dois mastros e

afundou. O "Tijuca" abalroava-o, mas a tripulação foi salva.

Aportamos em Hamburgo a 23 de setembro. Dali a meta da nossa viagem era Basel, a antiga pátria da minha querida esposa, onde finalmente chegamos a 27 de setembro.

Quase por um ano inteiro pudemos gozar ali de sossego no círculo da Missão de Basel, a cujo comitê pertencia o cunhado Eduardo Preiswerk, e refrescamos as nossas mentes e vida espiritual tão necessitadas disso, depois dos longos anos vividos na mais árida atmosfera espiritual, nas matas brasileiras.

Sentimos, igualmente, fortes desejos de visitar os meus pais e a minha irmã, em Passau. A visita durou apenas quatro semanas e serviu-nos de grande alívio, depois de 30 anos de separação.

Era então chegado o tempo de tratar de conseguir uma colocação na Alemanha. As perspectivas não eram muito favoráveis, mas eu devia fazer uma tentativa.

Sucedeu que o Pastor Berner, de Buffalo, também um ex-aluno de Basel, encontrava-se, naqueles dias, em visita à sua velha Pátria e foi até Basel. Ele nos encorajou a que nos decidíssemos a seguir para a América do Norte, onde sempre havia necessidade de pregadores do Evangelho. Tomamos essa decisão.

Dirigi-me imediatamente ao então reitor do Sínodo Evangélico-Alemão, Dr. J. Zimmermann que me respondeu satisfatoriamente e logo me pôs uma colocação à disposição. Acertamos que

seguiríamos para a América pelo fim do ano. Teria que esperar, apenas, que minha querida esposa se submetesse à necessária operação cirúrgica, que demorou em virtude da ausência do médico, que fora a um Congresso de Medicina em Berlim.

De regresso, esse médico esclareceu, entretanto, que o restabelecimento da operação exigia prazo demorado e de muito sossego e que devia ser evitada a fadiga de uma viagem a qual só poderia ser empreendida nos começos do ano seguinte.

Ele esclareceu, porém, que a operação poderia ser deixada para mais tarde na América, onde não faltavam médicos competentes.

E como a ida para a América não poderia sofrer maiores delongas, deixou-se de fazer a operação, e a 17 de setembro de 1890, despedimo-nos dos nossos amigos de Basel e viajamos para Bremen, onde a 20 de setembro, embarcamos no "Eider". A 30 de setembro desembarcamos bem dispostos em Nova York.

Durante as primeiras semanas da nossa estada na América, fomos hospedados, cordialmente, pelo cunhado Wilhelm Wackernagel em Allentown, no estado de Pensylvania e por sua esposa, que nós prezávamos muito como madrastra dos filhos da minha irmã Ana, prematuramente falecida, e como a querida "titia" dos meus filhos.

Pouco depois, atendi ao convite do Pastor Berner de ir para Buffalo e lá recebi fraterno acolhimento e grande auxílio.

Comuniquei a minha chegada

ao Reitor do Sínodo e recebi recado que deveria submeter-me à eleição na Comunidade urbana de Aurora, N. Y. ou na Comunidade rural de Bennington também no Estado de Nova York. O pastor Berner aconselhou-me tentar em Bennington. E como era também desejo de minha mulher ir para uma Comunidade rural, fiz ali a minha prática de concurso e fui imediatamente eleito, mas só a 23 de novembro de 1890, depois de demorada temporização, em virtude de melhoramentos na casa paroquial, pude assumir o exercício do novo cargo. A Comunidade era ligada à de Sheldon N. Y., esta como filial. A família somente chegou a Bennington a 4 de dezembro, depois que eu fizera os necessários preparativos e arranjos na casa.

Tornei-me membro de uma grande Sociedade eclesiástica, não ligada ao governo a cujo serviço fui recebido no ano seguinte.

Acostumamo-nos logo aos costumes locais. Os membros da Comunidade, fazendeiros, a elite dos habitantes dali, facilitaram-me a tarefa de manter o espírito cristão e de solidariedade entre eles durante todo o tempo de minha permanência ali.

A 4 de julho de 1892, a família foi ferida do mais duro dos golpes. A fiel e operosa mãe sucumbiu aos sofrimentos. A morte foi repentina. O médico que chamei às pressas, o Pastor Huber, da vizinha cidade de Attica, que também estudara medicina, pode apenas dizer: "Tua mulher está morrendo..."

A consternação da Comunida-

de, ao saber da sua morte, foi grande.

Apesar dos seus sofrimentos, ela parecia muito bem e ninguém poderia imaginar quão próximo estava o seu fim.

Com grande participação da Comunidade e da população, a 7 de julho foram feitos a encomendação e o sepultamento. Ela des-carsa no cemitério de Benning-ton N. Y.

O tempo do meu ministério em Bennington e Sheldon durou quase 14 anos, quando os meus filhos Otto e Alfredo sugeriram que eu me aposentasse e fosse descansar em Nova York.

O Sínodo deferiu o meu requere-mento e eu fui aposentado.

Fiz a minha prática de despe-dida em ambas as comunidades e a 5 de outubro de 1904 mudamo-

nos de Bennington para Nova York.

Depois de quarenta anos de per-manência em zonas rurais, devo acostumar-me à vida de cidade.

Passaram-se já cinco anos des-de que me aposentei e eu comple-tei, neste mês, os 73 anos de exis-tência com saúde e disposição.

O Senhor fez descer sobre mim as suas graças durante todo o tempo da minha vida, apesar da minha indignidade e da falta de merecimentos. A ele seja amor, honra e gratidão por isso. A sua fé conserve-me o coração e o pen-samento em Jesus Cristo até que eu parta para o eterno descanso e para a paz eterna.

Escrito em Nova York em se-tembro de 1909.

(Johann Anton)

Heinrich Sandrecki

Pastor Emérito



A continuidade desta Revista sómente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Quinto número — Tiragem de

— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral de

Irmãos Fischer S. A. Ind. e Com.

E

Fundição HERCULES Ltda.

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82 723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do **MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM**

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Assinatura Anual: Cr\$ 20,00

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"